

# O DESAFIO DO TEMPO. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO CULTURAL

MANUEL FRIAS MARTINS\*

*Age is not a particularly interesting subject. Anyone can get old. All you have to do is live long enough.*

Groucho Marx

**Resumo:** *O artigo procura refletir sobre perguntas como: terei eu noção de que as minhas crenças, valores, gostos, modos de entendimento do mundo me colocam numa espécie de último reduto de resistência à diferença do novo? Estarei eu consciente da resistência que ofereço às mutações da cultura, entendendo esta como o conjunto de todos os sistemas de signos que atuam no interior de uma determinada comunidade humana? Não sendo possível chegar a uma conclusão definitiva, sugere-se que o «homem que envelhece» implica menos uma idade física e mais uma idade social marcada por uma qualquer forma de incompreensão do mundo que o rodeia. O importante será, pois, manter uma disponibilidade crítica, tão convicta quanto possível, para com as novas solicitações da cultura digital em todas as suas manifestações.*

**Palavras-chave:** *Envelhecimento cultural; Novo; Cultura digital.*

**Abstract:** *The article reflects on questions such as: am I aware of the fact that my beliefs, values, tastes and ways of understanding the world put me in a sort of last bastion of resistance to differences with regard to what is new? Am I conscious of the resistance I offer to the changes in culture (which is understood as the set of all sign systems which operate within a human community)? Since it is not possible to reach a definitive answer to these questions, it is suggested that a «person getting older» has less to do with physical age and more to do with the question of social age (characterised as a certain form of misunderstanding of the world which surrounds the individual). Indeed, it is important to be as convinced as possible of a critical disposition with a view to the new demands of digital culture in all its manifestations.*

**Keywords:** *Cultural ageing; New; Digital culture.*

Embora muitas vezes desavinda com a verdade, a famosa sagesa alcançada com a idade, quase sempre exibida pelos icónicos cabelos grisalhos, tem feito esquecer a incómoda realidade de que a velhice não pode ser vista segundo uma espécie de universalidade abstrata indiferente a expressões individuais. Para além dos óbvios sinais de modificação do corpo introduzidos pelo tempo, a velhice não tem necessariamente

---

\* Universidade de Lisboa. Email: emteoria@gmail.com.

uma identidade ou até um plano único de manifestação. Escrevendo há dois mil anos, Cícero, então com oitenta e quatro anos de idade, arrumou bem a identificação contraditória da velhice num ensaio ainda hoje de referência. Nele encontramos reflexões que se mantêm úteis em qualquer tempo e lugar. A que me interessa lembrar no contexto atual é esta: «É um facto que os velhos são lentos, rabugentos, resmungões, difíceis de aturar e, vendo bem, avarentos. São estes, porém, defeitos de carácter e não propriamente da velhice»<sup>1</sup>. Defeitos de carácter e não de velhice, sem dúvida. A gentil certeza da morte ao fim do caminho, com certeza, mas o modo de ser velho tem mais a ver, afinal, com o indivíduo do que com o tempo de vida de cada um. E é partindo desta premissa que eu gostaria de indagar a questão do envelhecimento cultural.

Ao contrário da experiência da vida, a experiência da morte é sempre a experiência da morte dos outros. Também o envelhecimento é por nós encarado mais através do envelhecimento dos outros do que de nós próprios. Quantos de nós já tiveram desabafos como este: «Encontrei um amigo que já não via há muitos anos. Ele tem a minha idade, mas está tão velho. Quase não o reconheci. E parece zangado com o mundo. Está feito um reacionário». Este confronto com o envelhecimento através do envelhecimento dos outros é um dado importante para entendermos o processo de envelhecimento cultural. Eu sei que o meu corpo me dá múltiplos sinais de envelhecimento. Mas terei eu noção de que as minhas crenças, valores, gostos, modos de entendimento do mundo me colocam numa espécie de último reduto de resistência à diferença do novo? Estarei eu consciente da resistência que ofereço às mutações da cultura, entendendo esta como o conjunto de todos os sistemas de signos que atuam no interior de uma determinada comunidade humana?

O processo de envelhecimento cultural consiste em um indivíduo ser *obediente* a si próprio e ao princípio regulador do seu conforto existencial. Isto é algo que tem menos a ver com a idade do que com a atitude que cada um de nós tem ao longo da vida perante os desafios das ideias, das novidades tecnológicas, das práticas sociais e políticas no seu todo, nelas incluindo as práticas artísticas. Se essa atitude for pausada por uma busca do paraíso solitário onde só os valores individuais persistem, ou nos esforçamos para que eles persistam, então estamos a eliminar a interrogação, a dúvida, a contradição, o desosssego, a transformação. Em suma, se essa for a vereda por que optamos na vida, então somos inevitavelmente protagonistas do envelhecimento cultural que nos afasta do mundo e nos encerra no ilusório paraíso de nós próprios. E isto pouco tem a ver com a idade. O processo de envelhecimento cultural é, neste sentido, e na esteira de Cícero, uma questão de carácter ou de temperamento individual e não de idade avançada.

---

<sup>1</sup> CÍCERO, 2009: 56.

Considero que só a *desobediência* a nós próprios e ao princípio regulador do nosso conforto existencial nos pode manter fora do processo de envelhecimento cultural. Portanto, a velhice cultural somos nós que a construímos em qualquer idade. Afirmo isto não no sentido de considerar a velhice uma das famosas construções sociais de que falam os estudos culturais, mas sim para acentuar a ideia de que a velhice, particularmente na sua dimensão cultural, é antes de tudo uma construção individual independente da idade. Uma construção não deliberada, obviamente. Mas certa. Uma das suas manifestações mais frequentes foi bem identificada pelo sociólogo francês Michel Serres num pequeno (mas relevante) livro com o título esclarecedor *Antes é que era bom!*. Nessa singela lição de sabedoria, Michel Serres demonstra como a apologia do antes, por parte daqueles que se sentem desorientados pelo agora, se revela implicitamente uma apologia de guerras e mortandades diversas que marcaram exatamente esse antes. E esse antes é algo que não tem a ver com uma época em especial, mas sim com aquilo que Serres apelida de «carnificinas perpétuas»<sup>2</sup>. Trata-se afinal, podemos dizê-lo, mais da trágica condição do humano do que de uma qualquer situação cultural particular ou até de uma esperança no papel redentor da cultura por oposição à bestialidade do homem. Este aspeto merece algum desenvolvimento.

Por vezes há a tendência de opor à barbárie humana das «carnificinas perpétuas» aquilo que se considera ser cultura no sentido mais erudito do conceito, isto é, as artes, a filosofia ou as humanidades em geral. No entanto, muitos foram os pensadores que já demonstraram o carácter altamente falacioso desses argumentos. A cultura (entendida nesse sentido elevado ou erudito) não nos protege da barbárie coletiva, como nos prova o exemplo clássico das carnificinas levadas a cabo no século XX a partir de sociedades que haviam atingido os mais altos graus de desenvolvimento e sofisticação cultural e científica no Ocidente. Vista deste modo, a cultura tem dentro de si os germes do mal, da aniquilação, do sofrimento, da submissão a poderes autoritários e criminosos. Mas ela não seria cultura se não fosse assim, pois só essa dinâmica destrutiva que nela atua poderia cruzar-se dialogicamente com o seu contrário, isto é, com as dinâmicas culturais de bem, de construção e valorização da dignidade humana e, graças a ela, da ética da compaixão pelos fracos e desaposados. Só assim se compreende, segundo creio, o potencial de escolha que nos define como seres individuais. E voltamos assim ao papel da individualidade na questão do envelhecimento cultural.

Tenho para mim que aquilo que nos dá prazer não é o que existe. Aquilo que nos dá prazer é sobretudo o novo. O que existe está colocado numa cadeia de repetições que através da habituação acaba por cancelar o próprio prazer que podemos

---

<sup>2</sup> SERRES, 2018 [2017]: 15.

ter no que existe. O novo, ao contrário, apela a interrogações, curiosidades e desafios que, na sua dinâmica perturbativa do que existe, geram um prazer único e, é claro, individualizado. Obviamente, nem todas as pessoas têm esta relação com o novo. Muitas pessoas terão mesmo uma grande reserva em relação à sociedade em que vivem, recusando muitos dos novos modos do ser social. É sobretudo por aqui que o envelhecimento cultural se define. Jean Améry (cujo nome original era Hans Mayer), um judeu austríaco sobrevivente de Auschwitz, identificou muito bem a questão do envelhecimento cultural ao afirmar o seguinte:

*O envelhecimento cultural [...] começa muitas vezes por um obscuro sentimento de repugnância em relação ao que o homem que envelhece chama «jargão cultural» da época, recusando ver que também ele fala um jargão, um jargão que já teve o seu tempo, e que, ao contrário do que ele acredita, não é uma linguagem pura, a linguagem em si. Ele é tomado, ao ler certas revistas, certos livros, de um ligeiro mal-estar que o leva a recusar, com um encolher de ombros resignado, a moda, o snobismo, todos estes ismos, a manifestação verbal dos que se dão ares de importância<sup>3</sup>.*

O «homem que envelhece» implica menos uma idade física e mais uma idade social marcada por uma qualquer forma de incompreensão do mundo que o rodeia. Decorrendo da dificuldade de alguém se orientar num novo sistema de signos, seja ele qual for, o envelhecimento cultural mostra-nos um modo muito pessoal de estar na cultura de uma determinada época. E todos nós, por mais disponíveis que possamos estar para a compreensão do novo, acabamos em algum momento por revelar o nosso próprio envelhecimento cultural no modo como lidamos com o espírito do tempo através de normas de vestuário, linguagem, gostos artísticos, alinhamentos e recusas, etc. A diferença residirá então, e retomando conceitos anteriores, no grau de *obediência* ao princípio regulador do conforto existencial de cada um e, no limite, no ensimesmamento nostálgico, sem garra nem ousadia, em que podemos cair. Não queremos que o nosso passado nos abandone, como se dele dependesse a nossa segurança e mesmo a nossa mais firme identidade. Adequa-se aqui a afirmação do escritor brasileiro João Guimarães Rosa de que «toda a saudade é uma espécie de velhice». Mas vale a pena equacionar o que foi afirmado até aqui com referência a um caso concreto ou a uma experiência que todos possamos conhecer. Para esse efeito recorro à famosa revolução digital que nos colocou a todos perante realidades tecnológicas completamente novas e desígnios sociais totalmente imprevistos.

---

<sup>3</sup> AMÉRY, 1991 [1968]: 139; tradução minha.

A tecnologia digital veio introduzir aspetos radicalmente novos na cultura e nas relações sociais. Tanto os computadores como a internet e as redes sociais alteraram em profundidade os nossos ritmos de vida. Este é um fenómeno amplamente conhecido e definitivamente estabelecido. Por isso nada haverá de especial a acrescentar acerca dele. O que mais me interessa focar é a relação do mundo digital com a palavra escrita, em particular com a literatura.

É hoje consensual entre psicólogos, neurocientistas e outros estudiosos do comportamento humano que novos dispositivos digitais de leitura como o iPad, iPod, iPhone e vários outros aparelhos de ecrã têm vindo a remeter para segundo plano a tradicional leitura em profundidade (ou *deep reading*). Investigações realizadas em todo o mundo, e cuja consulta está amplamente disponível na internet, mostram que a mudança para modos de leitura de perfil digital tem tido como consequência uma diminuição da capacidade do cérebro em interiorizar conhecimento, em promover o raciocínio analógico, desenvolver perspetivas de compreensão e empatia, estimular análises críticas, etc. Estas são características associadas ao processo tradicional de leitura em profundidade dos textos, sejam eles quais forem. Alguns investigadores vão mesmo ao ponto de afirmar que os aspetos negativos da leitura em ecrã são visíveis logo a partir do quarto ou quinto ano de escolaridade. À chamada *skim reading* (leitura rápida e em diagonal), característica dos aparelhos referidos, juntam-se as mensagens escritas em telemóveis e outros dispositivos de ecrã. Nessas mensagens cortam-se palavras, reduzindo-as a letras e sinais, recorrendo-se a fórmulas linguísticas estereotipadas para condensar a informação.

A «impaciência cognitiva» de jovens e adultos atuais em relação a textos relativamente longos, como por exemplo um romance, é uma das consequências mais visíveis desta mudança. Os professores de literatura (pelo menos os que gostam de literatura) conhecem bem o problema. Dramática pode ser ainda a perda da ligação afetiva e mesmo intelectual dos leitores ao conteúdo de uma estória. Tal acontece em virtude da perda da relação física com o objeto livro que se pode manipular, cheirar, sublinhar, e cuja leitura se pode interromper, recuando ou avançando.

Colocando deste modo a questão do novo universo digital e das suas afrontas a uma convivência saudável com os modos narrativos de presentificação da experiência, várias perguntas nos surgem no contexto que me interessa: estarei eu a ser objeto de envelhecimento cultural se recusar este novo mundo digital? Ou então, até onde é que eu posso ir na aceitação desta nova realidade sem contradizer a minha própria identidade, a qual se formou através da leitura em profundidade de livros diversos (em formato de papel)? Poderei eu abdicar do enriquecimento propiciado por essa leitura e da promoção social e cultural da respetiva capacidade crítica?

E se eu privilegiar o espírito crítico daí decorrente, será que estarei num processo de envelhecimento cultural se afirmar (recusando) que no novo mundo digital há perdas irreparáveis no que respeita à leitura?

As respostas a estas perguntas não são simples, mas são indispensáveis. O futuro é imprevisível e contingente, mas pode e deve ser pensado em função da experiência do presente. Tal como eu entendo o desafio de ambas as etapas temporais, o que importa é manter uma *disponibilidade crítica*, tão convicta quanto possível, para com as novas solicitações da cultura digital em todas as suas manifestações. E como já tive oportunidade de defender noutro lugar a propósito da relevância que a realidade virtual irá ter no plano do consumo cultural<sup>4</sup>, estamos naquele ponto em que a estrada se bifurca. Conforme manda a sábia prudência, e por mais paradoxal que possa parecer, devemos seguir por ambos os caminhos.

O processo de envelhecimento cultural, quer no novo contexto digital que tenho vindo a referir quer noutro qualquer, não se resume, de modo nenhum, à recusa dos efeitos negativos desse novo mundo, mas sim à recusa da sua compreensão crítica. A incompreensão, a desorientação, a preguiça tornam-se agentes de uma alienação cultural que nada mais quer ver a não ser um *anterior* mitificado nas suas valências ou um *antes* fundador de uma felicidade imóvel. É nesse momento que estamos velhos.

## BIBLIOGRAFIA

- AMÉRY, Jean (1991 [1968]). *Du vieillissement. Révolte et résignation*. Trad. do alemão de Annick Yaiche. Paris: Payot.
- CÍCERO (2009). *Da Velhice*. Trad. do latim de Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Sociedade Editora de Livros de Bolso. Título original: *Cato Maior De Senectute*.
- MARTINS, Manuel Frias (2014). *Literatura, Regimes da Verdade e Cibercultura*. Suplemento da revista «Colóquio/Letras». 186 (mai.-ago.).
- SERRES, Michel (2018 [2017]). *Antes é que era bom!* Trad. de Maria João Madeira. Lisboa: Guerra e Paz.

---

<sup>4</sup> MARTINS, 2014.